

O processo de reativação da rádio comunitária no Assentamento 10 de Abril: da conquista da terra ao exercício da voz¹.

Rosane da Silva NUNES²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo

Esse trabalho aborda aspectos do trabalho formativo em comunicação comunitária junto a jovens do Assentamento 10 de Abril, no município do Crato, Ceará. Até o momento, foram preparados 25 jovens e reativada a rádio comunitária local, através de consulta popular de cujos indicadores são objeto de análise. As atividades foram iniciadas em março de 2015 e fazem parte do projeto de extensão universitária “A Voz da Juventude”, que objetiva contribuir para a organização da juventude rural, a partir de ações que favoreçam o protagonismo juvenil. Os procedimentos metodológicos seguem abordagem participante. Atualmente, os jovens do Assentamento 10 de Abril são multiplicadores em dois outros assentamentos rurais, a fim de contribuir para a formação de uma rede de comunicação comunitária do campo, composta por rádios nos assentamentos e um portal na Internet.

Palavras-chave: comunicação comunitária; questão agrária; assentamento rural; juventude rural; extensão universitária.

INTRODUÇÃO

Relatar processos de comunicação comunitária protagonizados por jovens em assentamentos rurais no Brasil exige que primeiramente se contextualize brevemente o cenário da questão agrária neste país, a qual está relacionada ao momento em que o problema da posse da terra apareceu e como a sociedade brasileira se desenvolveu por meio das diferenças de classes.

Segundo Stédile (1997), Andrade (2011) e Oliveira (2001), a colonização brasileira e o uso da terra só beneficiou uma minoria da sociedade. Os autores explicam que os portugueses aplicaram o direito do monopólio da propriedade de terra para a Coroa, com isso, a posse da terra e o uso hereditário foram entregues àqueles que tivessem recursos para explorá-las e produzir os bens que sociedade europeia necessitava. Segundo Luz (2015), desde então, a questão agrária no Brasil sempre foi permeada por estratégias políticas. A

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Educação da UFRN, professora do curso de Jornalismo da UFCA, coordenadora do eixo de comunicação do projeto A Voz da Juventude (apoio CNPq). E-mail: rosane.nunes@yahoo.com.br

distribuição desigual é marca histórica na questão agrária brasileira. Essa é uma situação que perdura até hoje, apesar da luta camponesa no país ter obtido conquistas, principalmente a partir da década de 1960, segundo Stédile (1997) e Oliveira (2001). De lá pra cá, a disputa pelo direito teve avanços e retrocessos e nessa dinâmica destaca-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no âmbito do qual se deu a conquista dos camponeses no Assentamento 10 de Abril, onde se desenvolveram as ações objeto desse relato.

O Assentamento foi fundado em 1991 e hoje vivem 52 famílias no local, a maioria dos primeiros moradores ainda reside no assentamento, portanto, os jovens são descendentes de pessoas que participam ou participaram do movimento camponês. Entre elas está Maria Agostinho de Aquino, mãe de uma participante do projeto. Maria, em entrevista a Luz (2015) relata que além da terra, os camponeses reivindicam condições de produção e de educação que valorize o campo. Para isso, eles construíram em mutirão uma escola chamada Construindo o Caminho.

Tinha também a escola daqui, era outra escola diferente porque tem a aula dos nossos fi aqui (sic), a gente não pode ensinar lá fora, o que a gente trabalha aqui, a agricultura, o que é se trabalhar na realidade da vida, não pode né?! Porque lá fora os professor num vão se impaiar... (sic) pra eles, eles é impaie, né?! Falar de ocupação, como é a vida dos pais, como conquistou essa terra... ah minha fia, aí eles não vão se ocupar fazendo isso, né?! (Maria de Agostinho apud LUZ, 2015)

A escola foi fechada em 2011 e com isso a transmissão de valores da comunidade ficou a cargo das famílias e dos momentos festivos, permeados pela mística³ dos movimentos sociais do campo. Nesse contexto, a comunicação comunitária pode assumir o papel de instrumento de educação informal, com vistas à formação político-cidadã. Isso porque, para além dos tradicionais movimentos sociais, o exercício livre da comunicação pode representar aos jovens um espaço político importante de autonomia e inserção na comunidade. O envolvimento dos jovens com a comunicação comunitária poderá criar um espaço não institucionalizado de educação política (SOUZA et al In: MAYORGA; CASTRO; PRADO, 2012).

³ Momentos de celebração da luta camponesa por meio da arte. Com forte cunho emocional, as místicas se originaram de rituais de correntes progressistas da Igreja Católica, tais como Teologia da Libertação e Comissão Pastoral da Terra (BARBOSA, 2015).

Seguindo essa tendência, foi instalada, em 2009, uma rádio de alto-falantes⁴ na comunidade, com o apoio da Cáritas Diocesana, entidade vinculada à Igreja Católica, que junto com a instalação da rádio promoveu capacitação de cinco jovens do assentamento para operá-la. A emissora alternativa, que na época fora informalmente denominada Rádio Solaris – homônimo do projeto que a originou – funcionou até 2013. Sua desativação ocorreu tanto por motivos técnicos como organizacionais do grupo de jovens responsável pela emissora. É nesse cenário que surge o projeto A Voz da Juventude. Em visita de um grupo de estudantes e professores da Universidade Federal do Cariri – UFCA ao assentamento, jovens do local externaram o desejo de retomar a rádio, apontando esse feito como fundamental para articular a juventude em torno das questões e demandas da comunidade. Diante disso, foi submetido um projeto à Chamada Pública 19/2014 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de fortalecimento da juventude rural.

Com natureza transversal e interdisciplinar, o projeto foi aprovado para atuar nos anos de 2015 e 2016, com o objetivo de contribuir para a sucessão rural com ações que favoreçam o protagonismo juvenil, partindo da comunicação, educação ambiental e gestão associativa como indutores da formação de jovens autônomos. Estruturado nos três eixos supracitados, esse trabalho apresenta um relato das experiências vivenciadas no eixo de comunicação comunitária, durante o primeiro ano do projeto.

1. Aporte metodológico: construção das ações de campo

As oficinas de comunicação comunitária, que tiveram início em março de 2015, foram planejadas por uma equipe composta por quatro estudantes do curso de Jornalismo, uma professora de Jornalismo e uma coordenadora pedagógica. A metodologia norteadora das formações foi de viés participante, posto que esse método guarda afinidades com os princípios da extensão universitária, que busca promover “a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2013, p. 42).

Bedim (2012, p. 4) lembra que a metodologia participativa é entendida como um conjunto de procedimentos “através dos quais os sujeitos (internos ou externos à

⁴ Também conhecida como rádio-poste ou rádio-corneta, são pequenos sistemas sonoros que transmitem mensagens por meio de alto-falantes ou caixas amplificadoras. No Brasil, teve seu apogeu na década de 1980, representando uma alternativa à comunicação comunitária quando não se tem possibilidade de transmitir via espectro eletromagnético. (PERUZZO, 2010).

universidade), envolvidos no projeto estão interligados em dispositivos de consulta, diagnósticos, ensino, pesquisa, capacitação, comunicação”. Assim, buscou-se a construção e reconstrução do conhecimento a partir da interação e cooperação entre os atores envolvidos no projeto – equipe acadêmica e juventude rural. As oficinas foram pensadas a partir dos conhecimentos e vivências dos jovens, numa perspectiva freiriana (1996), de maneira que mesmo os conteúdos de natureza técnica pudessem ser contextualizados a questões socioculturais da comunicação. Desta forma, nenhum encontro com os jovens afastou-se do objetivo maior de formar para a cidadania através do exercício da comunicação local. Assim, atentamos para o alerta de Freire (1996, p. 33) de que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”.

Nesse sentido, todas as oficinas tiveram um caráter formador técnico-político, na medida em que os temas e conteúdos dos exercícios remetiam à questões inerentes à vida dos jovens, tais como a luta pela terra, o preconceito da cidade para com a juventude rural; a discriminação sofrida por parte dos jovens da zona rural que não residem em assentamentos; o desequilíbrio nas relações de gênero apontadas pelas mulheres do assentamento; e por fim, o preconceito na comunidade a orientações sexuais diversas da heterossexualidade. Todos esses temas vieram à tona pelos próprios jovens durante as formações técnicas relacionadas ao potencial emancipatório da comunicação comunitária, fato que nos indica o papel da formação em comunicação como exercício da voz e, por consequência, da cidadania.

Podemos considerar também que a abordagem metodológica participante adotada pela equipe do projeto ganhou viés de pesquisa-ação, pois todas as ações giravam em torno de práticas que visavam a solucionar questões locais, entre elas, a reativação da rádio comunitária. Essa metodologia busca associar conhecimento e ação ou mesmo “extrair da ação novos conhecimentos” (THIOLLENT, 2011, p. 8) a partir de métodos que extrapolem a coleta de dados e construam um trabalho contínuo de grupos formados por atores sociais da pesquisa e a equipe acadêmica. Diferente dos modelos de pesquisa tradicionais utilizadas pela academia, esse tipo de intervenção acadêmica na comunidade só se configura como tal quando o pesquisador ou equipe age de forma a contribuir com mudanças na situação ou meio o qual está investigando.

É inerente à pesquisa-ação seu caráter intervencionista, o que a torna muito bem vinda às ações de extensão universitária. Diferente dos modelos de pesquisa tradicionais

utilizadas pela academia, essa metodologia tem como objetivo principal não apenas a observação e coleta de dados para posterior análise. A pesquisa-ação só se configura como tal quando o pesquisador ou grupo de pesquisa age de forma a interferir e incentivar mudanças na situação ou meio o qual está investigando. Segundo Richardson (2003), quase todos os modelos que tratam das fases da pesquisa-ação apontam para quatro momentos que apresentam um caráter cíclico. As fases são: diagnóstico, ação, avaliação e reflexão. Na fase de diagnóstico é necessário fazer um planejamento de ação, onde se estabeleça os objetivos da mesma, e estratégias para alcançá-los.

A fase da ação é quando as estratégias para alcançar os objetivos que o grupo definiu são colocadas em prática, seguindo o planejamento que foi feito durante a fase anterior. Vale lembrar que durante essa fase é comum que haja pequenas reconfigurações no planejamento, devido a imprevistos, impossibilidade de realizar alguma ação, ou mudança na percepção do problema. Para que a fase da ação seja bem sucedida é necessário que haja um processo de sensibilização, a fim de que todos os envolvidos assumam uma responsabilidade compartilhada.

A terceira fase, a de avaliação, é composta por um exame tanto dos resultados quanto do processo. A reflexão é a última fase, onde todos envolvidos fazem uma análise do processo, se houve cumprimento das ações propostas, quais dificuldades foram encontradas durante as atividades, quais potencialidades foram descobertas, como o grupo enxerga a situação em que se encontra e principalmente quais as mudanças que ocorreram durante a pesquisa-ação. É nesse momento também onde acontece a avaliação acerca da apropriação do conhecimento, tanto prático quanto teórico, pelos participantes. A análise feita sobre o trabalho desenvolvido valoriza muito mais a avaliação qualitativa do que quantitativa.

Tais etapas descritas anteriormente são estimuladas a ocorrerem novamente. Após a reflexão do que foi vivenciado, o grupo pode ser estimulado a formular um novo diagnóstico com novos objetivos, passando pelas fases de ação, avaliação e reflexão mais uma vez, porém agora com novas informações e em busca de novas mudanças, formando assim, um ciclo que se retroalimenta. O processo extensionista aqui apresentado encontra-se na segunda e terceira fases, concomitantemente, pois à medida que atuamos avaliamos o resultado das ações.

As reuniões de planejamento da equipe acadêmica foram intercaladas com encontros do Grupo Educom, um grupo de estudo sobre os temas de comunicação

comunitária, extensão universitária, juventude e política, educação do campo. Através das leituras e debates, o grupo instrumentava a equipe com um aparato teórico sobre os temas abordados nas oficinas, atendendo ao princípio de indissociabilidade entre ensino e extensão indicada pela Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2013).

No que tange ao planejamento, após formulado o objetivo geral da oficina, era descrito os objetivos educacionais, com base em orientações de Benjamim Bloom (1983), de contemplar três domínios de aprendizagem: cognitivo, atitudinal e operacional. A dimensão cognitiva tange ao que diz respeito aos conhecimentos e habilidades desenvolvidas durante as oficinas. A dimensão afetiva busca tocar os interesses, atitudes e valores dos envolvidos, e a dimensão operacional atua nas habilidades motoras ou manuais dos indivíduos. Vale destacar que a maior parte dos jovens que ingressaram no Projeto A Voz da Juventude já participava de um grupo de jovens da comunidade, de cunho religioso. Quando as ações do projeto se iniciaram, o grupo já manifestava suas relações de afeto, poder e liderança. A chegada do projeto introduziu novos elementos de relações sociais que permitiu que houvesse uma reformulação nas relações que haviam se estabelecido.

2. Reativação da rádio a partir do processo formativo da comunicação

Com base no aporte metodológico já apresentado, foram realizados seis encontros de formação e três visitas técnicas, no período de março a dezembro de 2015, envolvendo 25 jovens. As oficinas versavam sobre os temas comunicação popular; construção de notícia, técnicas de entrevista, edição de áudio e programação radiofônica e aconteciam aos sábados pela manhã, em áreas de uso comum no assentamento.

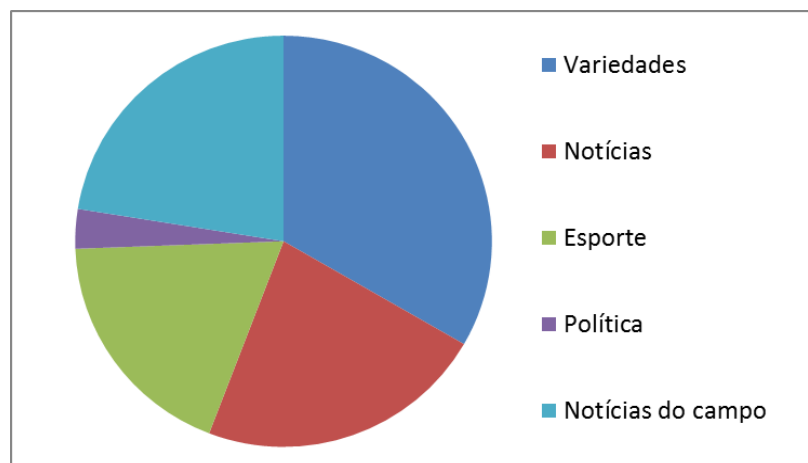
Importante destacar que em abril de 2015, o projeto Voz da Juventude providenciou o conserto da rádio, a fim de que a mesma pudesse entrar no ar durante os festejos de aniversário do assentamento. Esse foi um marco na relação entre os jovens e a equipe de extensionistas, pois gerou confiança e credibilidade. Devido à necessidade de melhorias na capacitação e organização do grupo, naquela ocasião a rádio ainda não foi plenamente reativada quando, passando a funcionar somente para dar avisos esporádicos à comunidade. No entanto, o fato de estar funcionando novamente despertou no grupo de jovens do projeto o interesse em fazê-la um instrumento de comunicação de fato. Foi nesse sentido que as oficinas foram realizadas, de forma que na medida em que avançávamos nas capacitações técnicas, alguns exercícios advindos das oficinas eram veiculados na rádio, tais como

entrevistas com moradores locais ou relatos de visitas dos jovens a outros assentamentos rurais a fim de conhecer experiências de comunicação e educação do campo.

Findas as capacitações sobre produção radiofônica, passamos à elaboração coletiva de uma proposta de programação para a rádio do assentamento. Esse momento foi introduzido por um debate sobre os tipos de emissora na radiodifusão brasileira - comercial, comunitária e educativa - e quais os modelos de programação em cada uma delas. Visando a atender ao princípio básico de refletir as demandas da localidade onde se insere, uma “comunicação que tem o povo (iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista e como destinatário” (PERUZZO, 2006, p. 9), os jovens elaboraram com o apoio dos extensionistas um questionário de consulta à comunidade sobre a programação da rádio. A realização da pesquisa de audiência para criação da programação da rádio foi uma oportunidade de aplicação do modelo de pesquisa-ação, posto que buscou-se a solução de uma demanda coletiva de maneira colaborativa. Nesse momento, foi criado juntamente com os jovens do projeto A voz da Juventude, um questionário que buscava investigar quais as preferências da população para a rádio. A pesquisa foi aplicada em um grupo de 60 pessoas, contemplando moradores de todas as 52 famílias do assentamento.

Consideramos válido refletir sobre algumas respostas, pois as mesmas são indicadores de consumo midiático no assentamento. Com relação ao tipo de programação que eles gostariam que a rádio tivesse, 33% preferem variedades (Programação de TV, horóscopo, dicas de saúde); 23% notícias; 22% notícias do Campo (Plantio, colheita, cuidados com animais); 19% esporte e 3% Política.

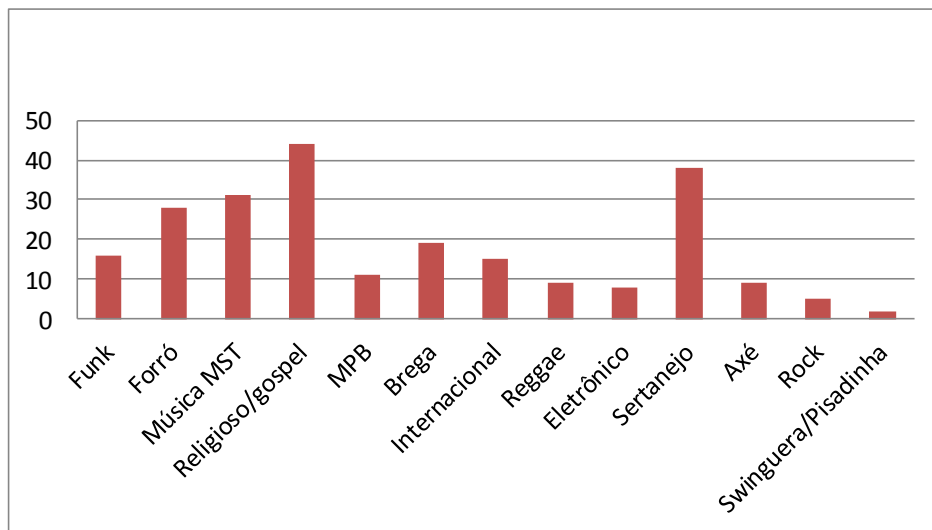
Gráfico 1. Conteúdos programáticos preferidos



Fonte: projeto A Voz da Juventude

A preferência por conteúdos de entretenimento, seguida da informação noticiosa e esportiva, segue o padrão produzido pelos veículos de comunicação de massa. O ponto divergente é a demanda por notícias do campo, fato que denota não apenas a ausência de preocupação da comunicação massiva para com as populações rurais, mas sinaliza o desejo dessas populações se verem representadas na mídia. Sobre o silêncio homogeneizador midiático, Farias (2007, p. 186) analisa que “a noção de segmentação de mercado foi construída em torno da reflexão sobre sociedade de massa e sempre procurou desestruturar a percepção de uma sociedade com suas culturas diversas”. Portanto, embora haja segmentação na mídia de massa, esta não é diversa culturalmente. O reflexo dessa segmentação inerente à cultura de massa, com objetivos de consumo de bens simbólicos que formem uma dada identidade, pode ser percebido nas preferências musicais dos entrevistados, disposta no gráfico seguinte.

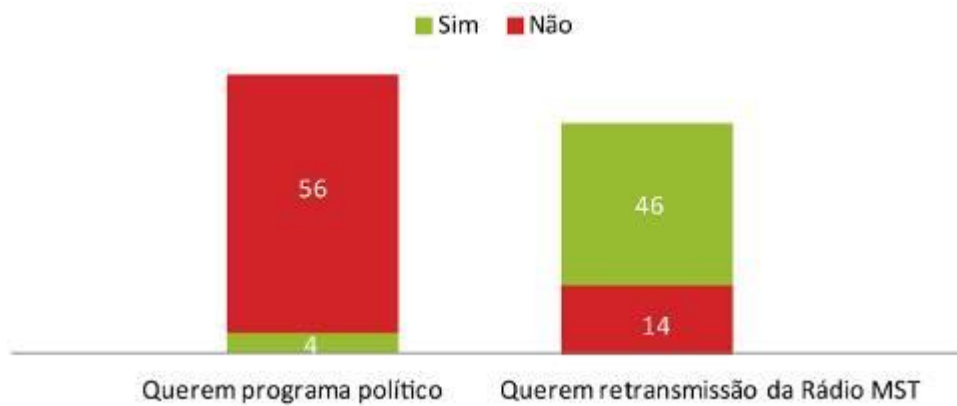
Gráfico 2. Preferências musicais no Assentamento 10 de Abril



Fonte: projeto A Voz da Juventude

No entanto, uma outra demanda foge às tentativas de padronização dos conteúdos e formatos midiáticos. Quando questionados se "Têm interesse que seja transmitido algum programa da Rádio do MST?" 76,66% responderam sim. Esse dado pode indicar a influência desse movimento na população do assentamento 10 de Abril, fato justificável pelo apoio do mesmo quando do processo de ocupação. Para além da aproximação com o MST, interessa perceber também uma aparente contradição advinda com o fato de a maioria requerer a retransmissão de programas produzidos pelo movimento mas somente uma minoria desejar assuntos de política na programação da rádio (apontado no gráfico 1).

Gráfico 3. Programa político X Programas do MST

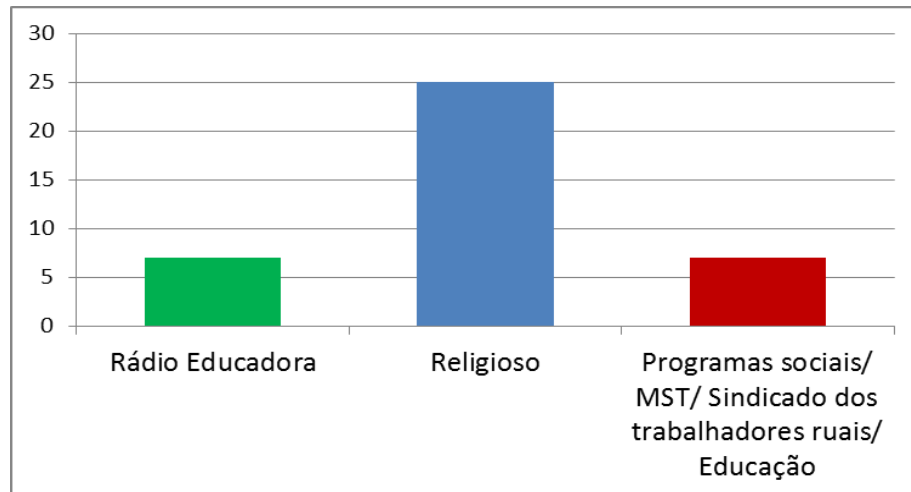


Fonte: projeto A Voz da Juventude

Analisando esses dois cenários, parece haver incoerência nas respostas. Ao vermos apenas o dado que aponta a baixa porcentagem dos que se dizem interessados pelo conteúdo político na programação da rádio poderíamos interpretar que os entrevistados não tem interesse por política. Porém, aprovam os conteúdos de programas do MST, os quais possuem vinculação política. Nesse aspecto, podemos inferir que a maioria associa a temática política a questões relacionadas a partidos ou notícias sobre a gestão governamental, seja nas esferas locais ou nacionais e não o sentido de política relacionado à esfera pública, que “continua sendo o domínio para onde são dirigidos, pelas associações, organizações e movimentos da sociedade civil, de forma ampliada os problemas sociais que ressoam no munda da vida” (GOMES, 2008, p. 102).

Outro dado que dialoga com os anteriores é que 88% dos entrevistados gostaria que a rádio do assentamento retransmitisse programas de outras emissoras, mas desses, somente uma pequena parcela gostaria de ouvir programas sobre movimentos sociais, a maioria dos que gostaria de retransmissão, prefere que seja de programas religiosos, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 4. Retransmissões – conteúdos/programas



Fonte: projeto A Voz da Juventude

Esses dados dão relevo a dois aspectos. O primeiro é que pode não haver clara associação entre MST e movimentos sociais, já que em dado momento a maioria afirmou desejar retransmissão de programas dessa entidade, porém, em outra pergunta demonstrou pouco interesse na retransmissão de programas de movimentos sociais como um todo. Essa aparente incoerência pode indicar mudanças da imagem dos movimentos sociais perante a sociedade, devido a diferentes perfis que estes assumiram após parcerias com o Estado, postura que segundo Gohn (2008) pode ter-lhe custado perda de autonomia e também de mudança na linha de ação ao dedicar-se mais a projetos focados em capacitações técnicas, em detrimento de formação política. Outra questão importante é que os programas a serem retransmitidos são somente da religião católica, fato que vai de encontro ao princípio da diversidade inerente a uma rádio comunitária.

A partir dos resultados obtidos pelo questionário, os jovens montaram uma programação que foi apreciada e aprovada pela assembleia de moradores do assentamento, o que culminou na reativação da rádio.

Tabela 1. Programação aprovada pela assembleia de moradores

7h às 8h	Bom Dia Comunidade (assuntos internos do assentamento)
8h às 10h	Música de Raiz (cultura popular e músicas relacionadas ao MST)
10h às 11h	Experiência de Deus (retransmissão de programa do Padre Reginaldo Manzotti)
11h às 12h	Saúde (dicas de saúde)
12h às 13h	Jornal da Comunidade (notícias locais)
13h às 14h	Programa Esportivo
14h às 16h	Educação e cultura do campo
16h às 18h	Forró pé-de-serra
18h às 19h	Hora do Terço

Fonte: elaboração própria

A equipe de jovens que ficou responsável em colocar no ar a programação aprovada em assembleia, ponderou que seria necessário a construção de uma programação reduzida para fase experimental de cinco horas diárias, iniciada em dezembro de 2015. Atualmente, a equipe está aprimorando a definição da função de cada jovem na rádio, além de adquirir experiência para a transmissão da programação definitiva aprovada pela comunidade.

De acordo com relatos dos jovens, essa é a primeira vez que a rádio do assentamento possui uma programação e equipes definidas para manter a emissora funcionando diariamente, antes o conteúdo eram somente avisos esporádicos e músicas em momentos festivos. Após as formações em comunicação e a elaboração da programação, o grupo decidiu que a rádio, que até então não tinha nome definido, passa a se chamar Versos da Conquista.

Considerações finais

As formações em comunicação, planejadas previamente pela equipe acadêmica, ganhavam novos contornos em seu desenrolar, pela inserção de assuntos apresentados pelos jovens, de maneira que os encontros puderam contribuir não somente com formação técnica, mas principalmente, com o debate de cunho sociopolítico que poderá ter fortalecido identidades em uma fase de difícil afirmação como é a juventude.

A reativação da rádio com programação de responsabilidade dos jovens do assentamento pode representar um movimento de organização interna importante para a participação da juventude em outros espaços de decisão na comunidade. Ao realizarem a consulta pública para elaboração de uma proposta de programação que foi analisada e aprovada em assembleia, os jovens não somente seguiram pressupostos de uma comunicação comunitária como firmaram-se diante da comunidade enquanto partícipes de sua estrutura organizacional. O fato de darem à emissora um nome, Versos da Conquista, pode sinalizar um sentimento de apropriação dos valores do campo, posto que faz alusão à poesia, à beleza contida na conquista da terra.

Os trabalhos com os jovens entraram em uma nova fase. A partir de maio de 2016, eles passaram a compartilhar com jovens de outros assentamentos os conteúdos e processos vivenciados no ano anterior com a equipe acadêmica - a qual, agora ocupa agora um papel de apoio metodológico, não ministrando oficinas. Entramos agora em um momento de multiplicação a outros dois assentamentos rurais: o Serra Verde, em Caririaçu e o Manuel

João Timóteo, no município de Jati. Nenhum dos dois possui rádio comunitária, mas a proposta do projeto é de instalação de rádios no sistema de alto-falantes nas duas localidades, desta forma, os jovens poderão aplicar os conhecimentos adquiridos nas formações. O preparo se dará também para a comunicação na Internet, por meio de site a ser criado coletivamente e que deverá agregar notícias dos três assentamentos, de maneira a proporcionar uma ambiência favorável à formação de uma rede de comunicação comunitária do campo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BARBOSA, A. **O uso da mística na comunicação do MST**: influência da Teologia da Libertação. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro- RJ, Intercom/UFRJ, 2015.
- BEDIM, J. G. L. **Metodologias participativas na extensão universitária**: instrumentos de transformação social. Revista Agenda Social. Vol 6, n 1, 2012. Disponível em <http://www.revistaagendasocial.com.br/index.php/agendasocial/article/view/13>. Acesso em 10 mai 2016.
- BLOOM, B. **Taxionomia dos Objetivos Educacionais**. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- FORPROEX. P. N. de E. U. Recife: Editora Universitária UFPE/PE, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2008.
- GOMES, Wilson. **Comunicação e Democracia**: problemas e perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008.
- LUZ, S. O. **Caminhos coletivos da memória camponesa**: percepções da feira agroecológica do Crato. Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de Mestrado. Bananeiras: UFPB, 2015.
- OLIVEIRA, A. U. De. **Agricultura camponesa no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- OLIVEIRA, C.T.F. **Escuta sonora**: recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias. Rio de Janeiro:E-papers,2007.
- PERUZZO, C. K. **Revisitando conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB, 2006.

PERUZZO, C. K. **Rádios comunitárias no Brasil:** da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na COFECOM. In: Encontro Anual da Compós, Rio de Janeiro- RJ, Compós/PUC-RJ, 2010.

RICHARDSON, R. J. **Como fazer pesquisa-ação?**. 2003. Disponível em: <<http://jarry.sites.uol.com.br/pesquisacao.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2013

SOUZA, L. M. Et al. **Entre a nomeação e a instituição:** reflexões a partir da juventude rural no sindicato. In: MAYORGA, Claudia.; CASTRO, Lucia Rabello de.; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Juventude e experiência da política no contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

STÉDILE, J. P. **Questão Agrária no Brasil.** (coord). São Paulo: Atual, 1997.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2011.